O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 35
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 37.º — N.º 1:64

Sábado, 25 de Novembro de 1944

VISADO PELA CENSURA

O Socôrro de Inverno

Como legenda para a obra do Socôrro de Inverno, escreveu Salazar: «Considero imperativo da consciência nacional que o Socôrro de Inverno constitua um grande movimento de solidariedade, mobilizando *todos os que podem a favor dos que precisam*».

Imperativo da consciência nacional, porque dentro da *família portuguesa* não é lícita a existência do supérfluo quando alguém careça do essencial. E êste movimento de solidariedade tem o alto objectivo de minorar as duras condições de vida daquêles a quem tudo falta, quando os rigores do Inverno paralizam o trabalho e requerem agasalhamento.

Em pleno Inverno chegarão as festas do Natal e do Fim do Ano, com a tradição da consoada e da confraternização dos membros de tôdas as famílias. Em pouco mereciamos o nome de família portuguesa, se então remediados e ricos esquecessem quantos outros portugueses, velhos, crianças, doentes, sofriam pelo Natal o rigor do frio, sem disporem de agasalho, ou do indispensável para matar a fome, em vez de festejarem a tradição da Consoada.

A campanha do Socôrro de Inverno precisamente nasce de um *imperativo da consciência nacional*, que impõe a quem pode acudir a quem precisa.

Do mais ou menos que pode dar cada um de nós, será juiz a própria consciência. Uns concorrerão com donativos elevados, outros porventura partirão do seu pão a migalha de que podem dispor. E todos, dando em função das nossas posses, para minorar os sofrimentos alheios, cumpriremos um dever, como portugueses, como seres humanos.

Desabafos...

O Regional é um quinzenário que há 23 anos se publica em S. João da Madeira, progressiva vila do nosso distrito, à qual tem prestado assinalados serviços dentro do seu campo de acção, o que nos apraz registar pelo conhecimento directo que disso temos. Pois *O Regional*, fazendo no último número alusão ao que é e devia ser se... se as coisas fôssem vistas com verdadeira imparcialidade, escreve:

O Regional, como todos os órgãos da imprensa provinciana, vive com dificuldades, garantindo-se muito do sacrifício de quem o mantém. Existindo num meio rico de publicidade, quási lhe não colhe os frutos, porque, de facto, a publicidade das grandes indústrias locais não interessa portas a dentro.

Mas é curioso verificar que, enquanto o nosso jornal vive numa pobreza franciscana, há jornais estranhos que, a trôco de umas breves e esporádicas referências nas celebérrimas páginas regionais, *levantam* daqui, de vez em quando, umas quantas dezenas de contos. Ainda não há muito, para uma publicação periódica, os enviados levaram da nossa terra cêrca de vinte contos de anúncios! E' obra!

Não censuramos. Verificamos, tão sòmente, o facto, pela sua curiosidade.

Tem razão *O Regional*, carradas de razão. O que se dá em S. João da Madeira, dá-se em Aveiro, dá-se em tôda a parte. Porque quem mais faz, menos merece... No entanto, colega, haja saúde. Nada de desânimos. Que largos dias têm cem anos...

O cortejo das oferendas

Saíu com alguns lapsos e omissões o relato aqui feito da grandiosa manifestação de caridade em benefício da Santa Casa da Misericórdia e em que colaboraram tôdas as freguesias do concelho, excepto uma. Alguns elementos de várias localidades nos pedem rectificações. Impossível. Se elas marcaram mais ou menos, agora os pormenores, por mais cuidado que lhe dedicássemos, nunca ficariam certos. Sirva, portanto, de consolação o dever cumprido e desculpem-nos as faltas, na certeza de que para a outra vez diligenciaremos fazer melhor.

NAO ESTA CERTO

O que se passa, por vezes, na tesouraria da Agência do Banco de Portugal, logo após a abertura, às 10 horas, é inadmissível, pois não há o direito de se fazer esperar tempo infinito quem ali vai fazer transacções.

Quem espera desespera— diz o ditado. Por isso é necessário que haja mais consideração pelo público, evitando-se, assim, os azedumes e os aborrecimentos de quem ali é forçado a permanecer.

Além disso a falta de pontualidade de quem deve dar o exemplo, não faz sentido, além de transtornar a vida aos que têm horas marcadas...

A' polícia

Dizem-nos que na Rua de S. Martinho e imediações se teem praticado vários furtos, inclusivamente de roupa posta a enxugar nos quintais dos prédios habitados. Pois é necessário que a polícia dê sinal de si, não sendo desacertado, talvez, uns passeios até às Agras, sítio propício ao acoitamento de meliantes e vádios.

O TEMPO

Caíu esta semana alguma chuva, que veio amornar a temperatura e concorrer para a fertilidade dos campos onde nesta época só cresce a erva e se desenvolve o nabo.

Mas tudo é preciso.

Festas do 1.º de Dezembro

A exemplo dos anos anteriores, a Mocidade Portuguesa promove as festas comemorativas da Restauração da Independência, tendo organizado o seguinte programa:

Pela manhã—Concentração dos filiados no Liceu, desfile até à Casa da M. P. onde se procederá à cerimónia do içar das bandeiras nacional e da M. P., seguindo depois para a Sé Catedral; neste templo, será celebrada missa por o sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro que, ao Evangelho, pronunciará uma alocução; após esta cerimónia religiosa, os filiados desfilarão pelas ruas da cidade, passando junto ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, a que prestarão continência.

De tarde, sessão solene no Teatro Aveirense, a que se digna presidir o sr. Governador Civil; haverá distribuição de prémios, cerimónia de passagem de escalão e fará uma alocução o director do Centro de Hipismo, sr. major Vasco Lopes.

Crónica alfacinha

A música sacra

Apoiando as teorias de Santiago Kastner, não posso deixar de mostrar confrangida em face da música sacra hoje em voga.

Realmente para quem gosta de bôa música, e mesmo dentro da bôa música há gostos diferentes, para os que sabem distinguir, um belo trecho duma péssima composição para aqueles que vibram e se exaltam com os acordes dum violino, é muito desolador comparar estes sons ora agudos, ora roucos, desarmoniosos, que hoje ouvimos em algumas igrejas com fama de ricas e com bôa música, com a doce e divina harmonia dos séculos XVII e XVIII e que agora só conhecemos através de algum felizardo que possua as cópias, por ser apaixonado da arte.

Falta a grande número de músicos, o gosto, talvez arrastados pelo século, habituados ao ruido vertiginoso de tudo que nos rodeia.

Eu, que adoro a música sacra, que me encho de fé e amor ao ouvir acordes suaves, verdadeiramente religiosos, que me sensibilizo profundamente ao ouvir um violino ou um piano bem tocado, tenho sido obrigada, muitas vezes, a saír dos templos porque me irrita a música que ali se toca, me fere os ouvidos e afasta de mim o fervor.

Uma vez em Braga (eu era, então, uma praticante convicta da religião, porque ainda ignorava um certo número de coisas que a prática me fez conhecer e abrir os olhos) tinha 12 anos e o cérebro atulhado de ideias que ali me tinham metido e não sabia definir, pertencia ao côro da igreja de S.ta Justa, onde ia tocar um afamado organista. Era o mês de Maria e o Santo Lugar estava repleto de fieis.

O artista começou a tocar um trecho tão harmonioso e suave, duma maneira tão encantadora, que me foi impossível acompanhá-lo em canto. Nunca nos ensaios êle havia tocado assim.

Quando saí, vi e ouvi que todos tinham gostado e não faltou quem rodeasse o executor a agradecer-lhe.

Porque não hão-de os nossos músicos proporcionar-nos uns bocados de tempo agradaveis e até elucidarem o nosso espírito?

Porque se não continua a tocar daquela maneira suave, que nos embriaga os sentidos e até nos dá fé?

Hoje a arte músical está mais desenvolvida, diz-se, mas sabe tão bem ouvir um pedacito de música antiga...

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Tapetes rolantes

—o—

Vimo-los, pela primeira vez, quando visitámos a França, à chegada a Paris. Eram umas 23 horas. O *sud* terminava a sua longa viagem e os passageiros tinham de saír da estação, subindo ao pavimento superior. Uma escada se nos deparou. E então, vendo como os nossos companheiros de viagem tomavam os tais tapetes rolantes ou escaladores, de cuja existência já tinhamos conhecimento, embarcámos também num deles. Que amor de subida! Que delícia! Que bom, trepar, assim, degráus sem darmos por isso, subindo como quem, em corpo e alma, fôsse elevado da terra às alturas!

Nos metropolitanos também os há e dêles nos utilisámos. Mas em Londres multiplicam-se. Trabalham todos os dias, igualmente nos metropolitanos e nas estações mais ou menos subterraneas, que servem lentamente e sem descanso. Porém, como há horas e horas do dia em que o movimento é relativamente diminuto, resolveu-se agora, por economia, parar os tapetes às horas mortiças do meio dia, o que representa uma economia de onze mil unidades de electricidade, equivalente a 160 toneladas de carvão, por ano, que, assim libertas e aproveitadas, vão alimentar as indústrias que actualmente trabalham em cheio para a guerra e para a paz.

"O Democrata,,

Tendo o próximo número do jornal de ficar impresso na quinta-feira e não na sexta, como é costume, devido a coincidir com a data da independência—1.º de Dezembro—que obriga ao encerramento dos estabelecimentos comerciais e industriais, pedimos aos nossos colaboradores e anunciantes que nos enviem os seus originais de forma a darem entrada na Redacção, o mais tardar, até quarta-feira ao meio dia.

Isto para evitar atrazos, sempre aborrecidos.

Além túmulo

Dr. Lúcio Vidal

Na próxima quarta-feira, dia 29, faz dois anos que morreu, em Vagos, o querido filho daquela terra a quem êste jornal ficou preso por uma dívida de gratidão que nunca mais esquecerá. E' que o dr. Lucio Vidal, pertencendo à pleiade dos bons amigos cá da casa, foi dos que muito de perto acompanhou o director do *Democrata* durante o seu cativeiro na cadeia da vila, proporcionando-lhe um bem-estar de tal maneira confortavel que ainda hoje é lembrado com a maior saüdade. Por isso, no dia 29, Lúcio, aí estaremos à beira da tua campa a cobri-la de flôres—se a Providência não determinar o contrário.

Conta!

Asilo-Escola

Assumiu as funções de director da secção masculina daquela casa de assistência aos menores, o sr. Luís Guerra de Barros, tenente de Cavalaria, que, ao ser-nos apresentado, teve a amabilidade de algo nos dizer sôbre a sua futura orientação.

Muito folgaremos se pudermos louvar, dentro de curto praso, quaisquer iniciativas no sentido de introduzir no Asilo-Escola Distrital os melhoramentos de que carece.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Chegou esta semana o primeiro vagon com tubagem destinada à rêde de distribuição de água potável aos domicílios, em que a Câmara tem empregado os melhores esforços.

E' em material *Lusalite*, feito pela grande empresa industrial *Corporação Mercantil Portuguesa, L.da*, de Lisboa e de que é representante no distrito a *Agência Comercial e Industrial de Aveiro, L.da*, sendo o projecto da obra do engenheiro Ricardo Teixeira Duarte.

Está, portanto, em marcha mais um grande melhoramento de utilidade pública.

IMPRENSA

Correio do Vouga

Festejou com um numero de 12 páginas a entrada no seu 15.º ano o semanário católico, orgão da diocese, que nesta cidade se publica com o título da epígrafe e sob a direcção dos srs. padre Alírio de Melo e dr. Querubim Guimarães, tendo por colaborador assiduo o sr. Arcebispo-Bispo D. João de Lima Vidal, que, dentro dessa função, o valorisa duplamente com interessantes e oportunos escritos, ás vezes recheados de bom humor.

Enviamos ao *Correio do Vouga* os nossos parabens.

O Ilhavense

Também completou 34 anos de existência êste colega que o professor José Pereira Teles fundou e dirige na próxima vila de Ilhavo para defesa dos interesses do concelho, a que se há dedicado com extraordinário amor bairrista e sem desfalecimentos.

Aqui nos tem a significar-lhe quanto nos apraz felicitá-lo por ter vencido a nova etapa galhardamente.

Centenário de Brotero

O *Diário do Governo* publicou uma portaria pela qual é criada e posta em circulação uma série de sêlos de franquia postal comemorativa do nascimento de Félix de Avelar Brotero, célebre botânico cuja memória se acha perpetuada no jardim de Coimbra com uma estátua.

Os sêlos são de $10, $50, 1$00 e 1$75, havendo blocos de uma unidade de cada taxa que se vendem pelo preço unitário de 7$50.

Novo lugre

Deve ser àmanhã lançada á água nos estaleiros da Gafanha mais uma unidade destinada à pesca do bacalhau.

Como sempre, o espectáculo, nem por muito visto, deixa de atrair admiradores.

Banda Amizade

Comemorou na quarta feira, o seu 110.º aniversário. Do programa, publicado no número anterior, fazia parte, à noite, um jantar de confraternização na sua séde. Este realizou-se no grande salão, que se achava belamente ornamentado. Ao fundo um altar com uma imagem, representando a Santa Cecília, adorada pelos músicos; ao centro, as mesas em forma de U, onde foi servido o *agape*, que honrou as cozinheiras. Em lugares de honra os srs. padre António Encarnação, dr. Armando Coimbra, Carlos e Gervásio Aleluia, Manuel dos Santos Ferreira e Artur Casimiro da Silva; e indistintamente os outros convivas—componentes, sócios e afeiçoados da banda, etc.—em número aproximado de noventa.

Antes de se sentarem à mesa foi executado o hino, da autoria do dr. Vasco Rocha, e no final houve os discursos da praxe. Iniciou-os o presidente da Direcção, João Luiz de Resende Júnior, que falou dos louros colhidos em tempos passados para salientar o esfôrço que agora têm empregado dois elementos a quem a aniversariante tanto deve — Abel Lebre, seu actual regente, e António Limas.

Seguiu-se o sr. Manuel dos Santos Ferreira, que há mais de 35 anos faz parte da orquestra. Alongou-se em considerações sôbre a vida artística aveirense e sôbre as vicissitudes por que tem passado a banda, terminando por recordar, saudosamente, aqueles que para ela trabalharam, ajudaram a engrandecer e já não pertencem a êste mundo, como João Miranda, dr. Vasco Rocha, Renato Franco, Domingos Vieira, Eduardo Miranda, Manes Nogueira, José Casimiro da Silva, João Aleluia, Paula Graça, Marciano dos Reis, Joaquim Gamelas, Manuel Dilalma Graça, Firmino Costa, Adriano Casimiro e tantos outros. Essa evocação dos mortos emocionou tôda a assistência com justificada razão.

O último a falar foi o presidente da assembleia geral da casa, sr. padre António Encarnação, que depois da exposição do orador que o antecedeu se limitou a saüdar a *vèlhinha*, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Para rematar a festa, grande número de convivas improvisou um orfeon, entoando alguns números da revista *A Caldeirada*, que o dr. Vasco musicou, assim como a *Balada*, de João Aleluia, e outras canções que fizeram a sua época.

E assim terminaram, alegremente, as comemorações de mais um aniversário da *Banda Amizade*, à qual agradecemos a gentileza do convite para a elas assistirmos.

Comandante geral da Polícia

Esteve, com curta demora entre nós, esta autoridade, que visitou as instalações da P. S. P. e o Albergue da Mendicidade em companhia do sr. capitão Firmino da Silva.

Pescado

O aparecimento à venda de boa sardinha tem dado origem a que o seu preço — pela abundância—seja acessível ás bolsas modestas, tal como acontecia no tempo do *fiel amigo*.

E' o que vale.

Para não desmentir a lei das compensações...

Politica de colaboração

De verdadeira e completa política de colaboração se pode classificar a realisada pela Assembleia Nacional em relação à proposta de lei do Govêrno àcêrca da electrificação do país. Todos os deputados que têm intervindo no debate têm sido unanimes em tecer ao importante diploma os maiores e mais certos elogios, pondo em relêvo a grande e extraordinária obra quer no campo político, quer no económico, quer no social e principalmente neste que a notável proposta de lei vem realizar.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

A nobilitante acção de alguns filhos da antiquíssima vila de Eixo

Ao Ex.mo Sr. João António de Carvalho, insígne colonianista e prestantíssimo filho desta vila.

X

O dia 7 de Maio de 1829 foi um dos mais cruciantes para o povo das cidades de Aveiro e Porto.

Com efeito, logo ao dealbar dêste dia retiraram da última daquelas cidades não só tôdas as famílias dos condenados, como muitas outras pessoas que, piedosas, foram chorar para lugares mais solitários e, bem assim, rezar pelas almas dos padecentes.

Já aos primeiros alvores dêste tristíssimo dia, uma das duas fôrcas, colocadas no lado ocidental da Praça Nova, (1) do Porto, foi estreiada com o enforcamento de Bernardo de Brito e Cunha, contador da real fazenda, do Porto.

Este desditoso liberal estava encarcerado na prisão do Castelo da Foz, donde veio até ao lugar do patíbulo, sendo, logo, supliciado pelo carrasco João Branco.

Cêrca das 10 horas, em frente à cadeia civil do Porto, foi organizado um numeroso préstito para levar à fôrca os restantes condenados.

Logo que os padecentes, vestidos com alvas brancas, com as mãos amarradas e levando sôbre os seus ombros as cordas em que haviam de ser supliciados, saíram da cadeia, rodeados por oficiais de justiça, tôda a multidão aglomerada, possuida de imensa piedade, começou a ciciar orações por alma dos infelizes liberais.

Momento solene aquele, para todos os condenados, que, pelo seu pé, eram obrigados a ir ao patíbulo!

Juntos a êles seguiam outros que foram sentenciados a vê-los morrer!

Quanto êles relembrariam as esperanças que, um ano antes, tiveram pelo triunfo dos seus ideais!

E, agora, depois dum ano de sequestro aos olhos do mundo, iam morrer ingloriamente, cheios de imensa saüdade por todos aqueles que lhes eram mais queridos.

Na verdade, quão grande devia ser a angústia de todos ao verem, a seu lado, os carrascos que lhes havia de tirar a vida e, também, as horrendas e negras tumbas, que a piedosa Irmandade da Misericórdia, do Porto, mandára para nelas serem inhumados os corpos de tão desditosos liberais.

O préstito, a uma ordem dos juizes da Alçada, levando à frente um pelotão de soldados, começou a seguir o trajecto em direcção à Praça Nova.

Quando os oficiais de justiça mandavam parar o cortejo para apregoarem a sentença, muitos padres, monges e povo, proferiam orações pelas almas dos padecentes.

As ruas, por onde passou o lúgubre préstito, tinham as portas e janelas completamente cerradas, o que comprova o quanto a população portuense se associou à dôr que enlutou as famílias dos mártires suplicados.

Logo que o cortejo entrou na Praça Nova, muitos sequazes miguelistas soltaram vivas a D. Miguel e à Santa Religião, que foram calorosamente correspondidos pelos monges, convidados e damas, que estavam postados nas janelas dos conventos dos Loios e Congregados. (2)

Os membros da Alçada, com as suas becas negras, trataram de dar pronta execução no acordão que proferiram. E, assim, logo os sacerdotes se aproximaram dos condenados, e, piedosos, diziam palavras de confôrto cristão a todos os infelizes, e, ao mesmo tempo, davam-lhes um crucifixo para beijarem.

Pouco passava das 11 horas. Os juízes da Alçada depois de terem mandado dispôr outros sentenciados a presenciarem os enforcamentos, ordenaram a chamada do tenente-coronel de caçadores 10, de Aveiro, Joaquim Manuel da Fonseca Lobo.

Era portuense nato e, com ânimo varonil, próprio dum arrojado militar, subiu as escadas da fôrca.

Seguiu-se, na subida à fôrca, o desventurado liberal, fiscal do tabaco e natural de Aveiro, Francisco Silvério de Carvalho Magalhães Serrão.

Foi do jardim da residência dêste mártir do liberalismo, que saíram, na madrugada de 16 de Maio de 1828, os liberais que foram insurreccionar o regimento de Cavalaria 10.

Em terceiro lugar foi chamado a subir as escadas da fôrca o douto desembargador, Dr. Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima.

Tinha, na ocasião, 53 anos; mas os seus cabelos abundantemente encanecidos e o seu doentio aspecto, aparentavam-no com mais alta idade.

Nos últimos momentos deitou um profundo olhar para os magistrados da Alçada, dentre os quais estavam alguns que foram seus condiscípulos. Este olhar, sôbre os seus algôzes, foi, por certo, um adeus angustioso áqueles que, outrora tanto e tanto o importunaram, quando êle exerceu as funções de deputado das primeiras côrtes constituintes.

O sexto supliciado foi o juiz de fora de Aveiro, Dr. Manuel Luiz Nogueira.

Este dedicado liberal era natural do Porto. Pelas suas qualidades de carácter, grangeou uma profunda estima entre os aveirenses, bem comprovado no facto de ter sido solicitada a trasladação das suas cinzas daquela cidade para o cemitério de Aveiro, para repousarem, eternamente, com as dos seus companheiros de martírio.

Foi chamado, a seguir, o juiz de fora da Vila da Feira, Dr. Clemente da Silva Melo Soares e Freitas.

Era natural de Aveiro. Abraçou com entusiasmo, os princípios liberais. Muitas famílias da Vila da Feira vestiram luto quando souberam do trágico fim dêste inditoso magistrado.

* * *

Já passava das duas horas da tarde quando terminou a trágica hecatombe, que tanto enlutou os habitantes de Aveiro, Porto e famílias dos condenados que eram naturais de outras terras.

Os carrascos, dirigidos por João Branco, com gáudio dos sequazes miguelistas e dos frades postados nas janelas dos conventos dos Loios e dos Congregados, exibiam gestos galhofeiros no momento em que os mesmos esperneavam nas fôrcas.

A multidão, sempre que o carrasco decepava a cabeça dos condenados, ouvia, horrorizada, os vivas erguidos a D. Miguel e á Religião, que eram calorosamente correspondidos pelos frades e damas postados nas janelas dos conventos situados na Praça Nova.

Ao cair da tarde foram enviadas, para Aveiro, onde as colocaram, em altos postes, as cabeças do desembargador Gravito, Dr. Manuel Luiz Nogueira e Silvério de Carvalho.

A cabeça do Dr. Clemente Soares de Freitas foi mandada colocar, em alto poste, também, na vetustíssima Vila da Feira.

Se o enforcamento dos dez mártires liberais muito enlutou os habitantes do Porto, Aveiro e das terras em que nasceram êstes infelizes, também a exibição das cabeças de todos êles em altos postes, durante três dias, pungiu, em extremo, tôdas as almas cristãs.

A Alçada, num requinte de rancôr, mandou colocar a cabeça de Bernardo de Brito e Cunha defronte da casa em que êle vivia!

A sua desolada viuva quási que enlouqueceu. Todos os prédios fronteiros ao horrendo poste tiveram encerradas, por muito tempo, as suas janelas.

Enfim: tanto nas cidades do Porto e de Aveiro, como em muitas outras terras do país, o luto votado pelos infelizes liberais constituiu um solene testemunho do quanto a população abominava o govêrno do infante D. Miguel.

JOSÉ DINIZ

(1)—*Actual Praça da Liberdade.*

(2)—*Os monges, satisfeitos por esta hecatombe, distribuiam doces e vinhos finos, sempre que cada infeliz era esperneado na fôrca.*

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

BELEZA — AS MÃOS

Não esqueçam os cuidados com as mãos, minhas senhoras.

Elas revelam-lhe o caracter, as suas tendências, até a sua origem, o gosto artistico, a actividade, etc.

A mão pequena e de dedos afilados, indica mulher inteligente e hábil.

Se for gorda e grande, o contrário.

Se a pele é transparente e fina certamente a sua origem é nobre; mas se for aspera, seus pais eram humildes, plebeus, ou a senhora tende para isso.

Se as unhas se quebram com muita facilidade, não tenha dúvidas sôbre a sua pouca saúde; mas se são tão rijas que raramente quebram e custam a cortar, o seu espírito é obtuso e deve ter pouca memória.

Se as *meias luas* são visiveis em todas as unhas é feliz ou tende a sê-lo; se o são só em algumas é relativamente feliz mas podia sê-lo mais; se não se veem, será sempre pobre e infeliz.

Já vê a importância que a mão tem e os cuidados que lhe deve dar.

A mão deve ser branca, macia, leve e ligeira, não descarnada e de unhas mais compridas do que largas.

As mãos de pele rugosa, áspera, com unhas mal arranjadas são próprias das pessoas pouco cuidadosas.

Lavá-las amiudadas vezes e secá-las bem é a base da sua beleza. Se a pele é seca, é fácil gretarem-se no inverno. Aplique-lhes logo após a lavagem um pouco de óleo de amendoas doces, mas para não sujar os objectos em que tocar, depois de as friccionar muito bem, limpe-as a papel pardo, fino.

Antes de se deitar tenha o cuidado de as lavar com água morna e unte-as com o seguinte:

Oleo de amêndoas doces	*12 gramas*
Oleo de baleia . . .	*6 »*
Sanzol	*2 »*
Espirito de rosas. . .	*1 »*

Quando, no verão, transpire das mãos, passe-as, depois de lavadas, com um pouco de Agua de Colónia e se não for suficiente ponha-lhes:

Tintura de Beladona .	*15 gramas*
Alcool	*90 »*
Acido bórico.	*1 »*
Essencia de violeta . .	*5 »*

Tem frieiras? E' muito aborrecido e doloroso. A's vezes a origem é do sangue e só o médico pode tratar mas se não tem a certeza experimente o seguinte:

Quando as mãos começarem a inchar, ferva uma porção de ortigas em pouca água, e meta-lhe as mãos dentro, bem quentinha.

Seque-as bem e ponha-lhe:

Oleo de ricino. . . .	*6 gramas*
Oleo de amendoas doces	*3 »*
Oleo de canforado . .	*2,5 »*

Quando as frieiras são já velhas, isto é, aparecem há muitos anos, tem aqui um remédio quási radical:

Espirito de sal amoniaco	*5 gramas*
Agua pura.	*5 »*

Molhe um pano e locione muitas vezes no dia; passadas 48 horas está curada, mesmo que as frieiras já tivessem rebentado.

Se tem alguma coisa nas mãos ou mesmo na cara que precise duma receita, basta escrever para Praça D. João da Câmara, 4-4.º—onde estou inteiramente ao seu dispor.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a interessante Lilia Martins Sequeira, filha do sr. António Martins da Silva, e o sr. Joaquim Dias Abrantes; ámanhã, a sr.ª D. Belmira Varela de Brito Vidal Crespo, professora oficial e esposa do sr. Américo Crespo, 2.º oficial da Direcção de Finanças, e também a esposa do sr. Jofre Almiro Gomes de Moura; os srs. Jorge Marques e Alexandre Casimiro, residente no Porto; no dia 27, o sr. Carlos de Pinho Guedes Pinto, consul do nosso pais em Bilbau (Espanha); em 28, a sr.ª D. Maria José Martins Mota Lima, esposa do sr. Luciano Marques Lima, residentes no Porto, o sr. Rogério Casal Ribeiro, de Espinho, e o sr. António dos Santos Neves, proprietário da Pastelaria Chic, *e também sua esposa; em 29, o sr. Francisco Ferreira Martins, e o filho Victor de Azevedo, do nosso dedicado assinante sr. Manuel Seabra de Azevedo, actualmente na capital; em 30, os srs. Tavares Ritto e Acurcio Maia de Albuquerque, professor em Silveiro (Oiã) e o menino Alberto Arménio, filho do sr. alferes Alberto Exposto, residente em Algés, e em 1 de Dezembro a sr.ª D. Maria Madalena Rebocho de Albuquerque Cristo, esposa do sr. dr. António Cristo, advogado na comarca.*

Partidas e Chegadas

De regresso de Vizeu já se encontra em Aveiro, com sua estremosa familia, o capitão de cavalaria sr. António Rodrigues Morais, a quem retribuimos os seus cumprimentos.

—Estiveram nesta cidade os srs. Abilio de Menezes, esposa e interessantes filhas, residentes no Porto e Celestino Neto, aspirante de Finanças na mesma cidade.

Doentes

Foi operado no Hospital, onde ainda se encontra em tratamento, o nosso amigo Jorge Andrade Pereira da Silva, empregado superior da Filial do Banco N. Ultramarino.

As suas melhoras teem-se acentuado o que estimamos.

Á margem da guerra

UM TANQUE «MALHADOR» BRITANICO, ENQUANTO AVANÇA, DESPEDE CHICOTADAS DE FERRO CONTRA O TERRENO, FAZENDO ASSIM EXPLODIR AS MINAS SEMEADAS NO CAMINHO.

Correspondências

S. Bernardo, 18

Morreu a *tia* Rosa Caçola! — foi o éco que se ouviu e se repetiu ainda, não só em S. Bernardo, terra da sua naturalidade, como nos lugares circunvizinhos. Dotada dum coração magnânimo, Rosa Maria de Jesus, socorreu a pobreza em larga escala, mitigando a fome a muito infeliz. Tinha 85 anos e tombou na manhã de ante-ontem, fulminada por uma síncope cardíaca, deixando profundas saüdades a quantos a conheciam e com ela privavam.

Era viúva, mãe estremosa dos srs. João e António Simões Maio Caçola e da esposa do sr. Pedro Nunes de Azevedo, comerciante em Setubal.

Teve ofícios na nossa capela e no entêrro, realizado para o cemitério sul dessa cidade com grande acompanhamento, viam-se as várias irmandades a que pertenceu.

Paz à sua alma.

P.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

ANÚNCIO

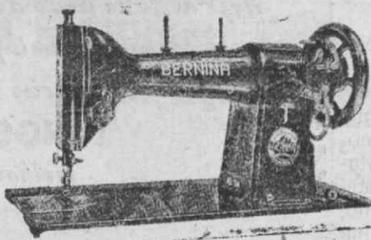
A Câmara Municipal de Aveiro, faz público que até ás 12 horas do dia 4 de Dezembro, recebe propostas em carta fechada e *feitas em papel selado*, para a venda de 15 troncos de negrilo, 3 de plátano e um de eucalipto, que se encontram nos Armazens Gerais, na Travesssa da Corredoura, onde podem ser examinados todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas.

A Câmara reserva-se o direito de não efectuar a adjudicação no caso de os preços oferecidos não convirem aos interesses do Município.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos locais do costume.

Aveiro e Paços do Concelho, 25 Novembro de 1944.

O Presidente da Câmara,

ALVARO SAMPAIO

Comando Militar de Aveiro

Convocação

Em cumprimento do Art.º 30.º dos Estatutos da Cooperativa da Guarnição Militar de Aveiro, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir no dia 2 de Dezembro próximo, pelas 16 horas, na Sala dos srs. Oficiais do Regimento de Cavalaria N.º 5, a-fim de eleger os corpos gerentes para o ano de 1945.

Caso não reúna número legal de sócios no dia e hora indicados, é desde já a mesma Assembleia convocada a reúnir no dia 4 do dito mês, no mesmo local e hora.

Aveiro, 18 de Novembro de 1944.

O Comandante Militar

António Arnaldo da Cruz

Coronel

EDITAL

—o—

Jaime Eloy Moniz, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Indústrial—Coimbra.

Faz saber que José Maria da Silva Vera Cruz, pretende licença para instalar uma oficina de marcenaria mecânica, na Rua do Gravito n.º 34, fréguezia de Vera Crz, concelho e distrito de Aveiro, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio.

* * *

Manuel Nunes do Pranto pretende licença para instalar uma oficina de sarralharia manual na Rua do Ramal- Csota do Valado, fréguesia de Oliveirinha, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte com Rosa da Cruz Maia, Sul com José Marques Vieira, Nascente com propriedade do requerente e ao Poente com caminho público, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e trepidação.

* * *

António M. Costa, pretende licença para instalar o fabrico de moldes, espelhagem e lapidagem de vidro na Rua do Americano, fréguesia de Vera-Cruz, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte com a Rua do Americo, Nascente com Ernesto Correia dos Santos, do Sul com o mesmo e ao Poente com a Rua Nova em construção, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio e emanações nocivas.

Nos têrmos do Regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do praso de 30 dias, e a contar da data da publicação e afixação dêste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos n.ºs 8193, 8304 e 8328, nesta Circunscrição Indústrial, com séde em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 17 de Novembro de 1944.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição

Jaime Eloy Moniz

Secção Desportiva

Basket-Ball

Esperado o seu inicio, com ansiedade, pelos desportistas do distrito, sempre começou, no domingo, o campeonato regional nesta cidade. O *Beira-Mar* derrotou o grupo de O. de Azemeis por 23-11; os *Galitos* deslocaram-se a Sangalhos, onde perderam pelo escasso *score* de 24-17; e o *Esgueirense* visitou Ovar onde conseguiu duas interessantes victórias sobre o *Aliança*: 31-17 em primeiras categorias e 29-9 em reservas.

Amanhã, em continuação do mesmo campeonato, Aveiro tem um bom cartaz: *Galitos-Esgueirense*, no Parque.

* * *

Achamos oportuno chamar a atenção da Câmara e dos clubs locais para o estado lastimoso em que se encontra o campo do Parque. Torna-se urgente uma reparação do seu piso que, em dias de chuva, se transforma num verdadeiro lamaçal, com prejuizo das *équipes* em jôgo.

Os grupos visitantes devem, mesmo, levar as peores impressões, pois não se compreende que Aveiro deixe ao abandono o seu único campo de *basket*.

T.

Carta de Lisboa

General Carmona

O 75.º aniversário natalício do sr. Presidente da República ocorrido ontem, foi um novo e admirável pretexto para todo o país afirmar a sua muita consideração e veneração pela pessoa ilustre e querida do sr. General Carmona.

Compreende-se, de resto, e perfeitamente, que assim tenha sido. E' que, todo o país, Portugal de norte a sul, de aquém e além-mar sabe o quanto todos devemos a essa figura eminente de político e homem de Estado, que tem sido, na chefia suprema da nação, não só o melhor, mais inteligente e patriótico orientador, como também o mais esforçado e abnegado obreiro do nosso prestígio no Mundo. E dizemos assim porque, sem a acção patriótica do sr. Presidente da República, não teria sido possível sem maiores e talvez insuperáveis dificuldades, a obra salvadora de Salazar. Foi o venerando e ilustre Chefe do Estado que tornou possível pela íntima colaboração e confiança incondicional que tem dispensado a Salazar, que Portugal tenha vivido horas de tão marcante e magnífico como prestigioso progresso. Por isso, a melhor forma de festejar o aniversário natalício do sr. General Carmona é ainda recordar as palavras de Salazar, quando um dia disse:

«O Senhor General Carmona tem exercido com superior critério, alta distinção moral e inescedível dedicação pelo seu país, a função de Chefe de Estado. A estabilidade que desde 1926 houve na suprema direcção do Estado, depois da instabilidade que nela tinha havido desde 1910, é devida tanto às qualidades eminentes ao prestígio pessoal do sr. Presidente da República, como à essência disciplinadora do 28 de Maio, que o ilustre militar interpretou com fidelidade só igual ao seu aprumo.

Um aniversário

Passou, há dias, o 1.º aniversário da morte trágica do grande homem de Estado que foi o malogrado ministro das Obras Públicas, Eng. Duarte Pacheco.

Lisboa recordou sentidamente essa alta figura de realizador, de homem que, para servir o progresso engrandecimento do seu país, tudo fez e até a própria vida lhe sacrificou.

CORDEIRO GOMES

Comarca de Aveiro

—o—

Abertura da Correição

Por êste Juizo--1.º Tribunal —foi aberta a correição por espaço de trinta dias a contar de 19 de Dezembro próximo até 18 de Jaueiro próximo futuro;— e assim são chamadas todas as pessoas que tenham queixas a fazer contra os funcionários dêste Juizo e do Julgado Municipal de Vagos, sugeitos á correição, a apresentá-las em Juizo e em forma legal.

Aveiro, 18 de Novembro de 1944

O Juiz de Direito do 1.º Tribunal,

António Gurgo

O Chefe da 2.ª Secção

Joaquim Vicente Duarte das Neves

Agradecimento

A família do falecido sacristão João de Almeida, vem por esta forma manifestar o seu reconhecimento ás pessoas que acompanharam o extinto à última morada e bem assim às que enviaram pêsames.

Aveiro, 19 de Novembro de 1944.

Agradecimento

Elias dos Santos Paula e família gratos ás pessoas que durante a doença que vitimou sua mulher se interessaram pelo seu estado e depois a acompanharam à última morada, vêm manifestar-lhes o seu reconhecimento.

Aveiro, 20 de Novembro de 1944.

Marabuto & Génio, Limitada

—o—

Por escritura de 16 de Novembro corrente, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Abel João Saraiva, foi constituída uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada entre Mário dos Santos Marabuto e Manuel Nunes Génio, nos têrmos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma *Marabuto & Génio, Limitada*, fica tendo a sua séde em Quintans, fréguesia de Oliveirinha, concelho de Aveiro, e o seu estabelecimento no local da Estação de Quintans, em *casa* pertencente aos herdeiros de António da Cruz Pericão.

2.º

O seu objecto é o exercício de comércio de vinhos e seus derivados ou qualquer outro que êles resolvam explorar, com excepção do bancário.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo desde 1 de Julho de 1944.

4.º

O capital social é de 100.000$ e corresponde à soma de duas cótas sociais que são de 50.000$00 cada e já se encontra todo realizado.

5.º

Na cessão de cótas a estranhos qualquer dos sócios fica com direito de opção, sendo avisado por carta registada com aviso de recepção, tendo de optar no praso de 30 dias, podendo contudo serem cedidas aos filhos.

6.º

E' indispensavel a autorização especial da sociedade para a cessão de parte da cóta a favôr de seu associado, bem como para a divisão de cótas por herdeiros de sócios.

7.º

A sociedade será representada em juízo ou fora dêle, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, os quais ficam gèrentes, com o uso da firma e sem caução nem retribuição, ficando a Caixa a cargo do sócio Manuel Nunes Génio e a firma só será empregada em assuntos de exclusivo interesse para a sociedade.

8.º

O ano social é o ano civil e o balanço anual será efectuado até ao dia 31 de Dezembro.

9.º

A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer dos sócios, a qual continuará com os herdeiros do sócio falecido, que nomearão entre si um que os represente a todos e no caso de interdição pelo representante do interdito.

10.º

Em tudo o omisso regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Aveiro, Secretaria Notarial, 20 de Novembro de 1944

O ajudante da Secretaria Notarial,

Raúl Ferreira de Andrade